

EDITORIAL

Saber/prazer: sobre mulheres lendo e escrevendo o erotismo como potência de vida

Os estudos de textos eróticos e/ou pornográficos escritos por mulheres constituem uma vertente profícua dos estudos literários feministas e/ou em perspectiva de gênero, os quais se encontram em ampla consolidação, oferecendo a possibilidade de múltiplas abordagens da produção literária no Brasil e no mundo.

Para além da contribuir com a ampliação do campo teórico, com a multiplicidade temática e formal, este número da Revista *Linguagem - Estudos e Pesquisas* ao apresentar o Dossiê *Literatura de autoria feminina: gênero, erotismo e interfaces* demarca também sua sintonia com o presente vivido e escrito, bem como com a contemporaneidade da autoria feminina. Cada vez mais voltada para temas caros à experiência de autonomia das mulheres em um contexto de enfrentamentos diários às forças conservadoras do patriarcado que, conforme precisamente destaca Heleieth Saffioti (2011, p. 47), “não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo”, a escrita de autoria feminina também se volta para esses enfrentamentos no campo discursivo da sexualidade.

Com foco na autoria feminina de textos ficcionais e poéticos, a presente reunião é constituída a partir de textos que expressam pesquisas orientadas pelo cruzamento entre os estudos literários e os chamados “temas sexuais” na literatura, trazendo para a centralidade desses estudos o esforço das escritoras em descolonizar o desejo e estabelecer o livre trânsito pela linguagem, seja ela obscena ou não, interdita ou não.

Falar de erotismo neste tempo histórico caracterizado por um acontecimento global inédito e singular, a pandemia causada pelo coronavírus (*SARS-CoV-2*, causador da Covid-19), a qual produziu um mundo sem contato físico nunca imaginado entre humanos, animais sociáveis que são, parece-nos uma interpelação necessária, ainda que, no momento que o tema foi proposto, tal situação jamais fosse cogitada.

Com a pandemia e suas trágicas consequências para a vida física e psíquica, com o espectro da morte a rondar tudo que envolve a humanidade, os modos como as afetividades, subjetividades, corporalidades e afetos se constituem foram convocados a se reconfigurar de modo radical.

A noção de contato foi ressignificada pela virtualidade da interação, propiciando novas formas de aproximação à maneira do não-corpo: telas passaram a intermediar nossos contatos, transformaram nossa presença em *bytes* circulando nas nuvens virtuais das redes, na forma de sons e imagens captadas por artefatos tecnológicos. As próprias tecnologias do corpo precisaram se alterar, o corpo confinado, restrito em sua circulação, torna-se então, carente do encontro físico, e precisa reaprender a existir, jogado no desamparo.

Os modos de estudar, de produzir, de circular conhecimento também foram transformados, de maneira que, em um átimo, vimos germinar uma quantidade gigantesca de *lives*, de eventos *on line* que substituíram as reuniões acadêmicas em suas tradicionais formas de congressos e seminários presenciais. O trabalho invadiu as casas, as escolas e universidades invadiram as casas, o mundo exterior invadiu as casas, os quartos, as camas. Para que corpos se encontrem, exige-se toda uma assepsia, mascarada e banhada em álcool gel.

Por outro lado, na efervescência desse devir-digital que fomos convocados a assumir sem escolha, as possibilidades de trocas e de reinvenção do cotidiano pessoal e acadêmico mostra a inenarrável resiliência do animal humano na sua aventura de sobreviver. Contra toda pulsão de morte, contra *Thanatos*, o sombrio, que se atualiza para o nosso tempo em forma microscópica viral, quem melhor do que *Eros*, o travesso inconsequente, para nos devolver o desejo de vida?

Ler trabalhos em que os objetos textuais de pesquisa transbordam a abundância dos corpos que se encontram, que se exploram, que transgridem as normatividades compulsórias, que afrontam os interditos das ações e da linguagem, segue o mesmo movimento satisfatório de poder acompanhar a produção *on line* de acervo digital cada vez maior sobre autorias femininas. Uma multidão de mulheres que invadem as redes com suas falas e corpos, com suas expressões e textos realocadores da sexualidade feminina que se expressa em corpos que antes não poderiam se expressar.

Corpos negros, lésbicos, corpos transsexuais estão nos textos como personagens, mas também como vozes líricas e ficcionais que modificam e tensionam a autoria, estabelecem modos outros de representação. E podem atingir uma audiência ampliada por meio das redes. Esses corpos que “pavoneiam”, para emprestar a expressão de Michel Foucault (2003), circulando na virtualidade ou na materialidade dos textos, estabelecem uma diversidade de zonas de legitimação para o

erótico, o pornográfico e o obsceno, ao firmar em definitivo a voz feminina no arsenal de objetos estéticos que a humanidade pode produzir.

Uma vez que indicam procedimentos de ruptura com as investidas de gênero e com o cânone – instaurado sobre uma tradição fálica da literatura que explora temáticas do sexo e do erotismo –, a produção de autoras amplia a compreensão da natureza conceitual e formal desses textos ao deslocar as mulheres da posição tradicional de objeto de discurso e desejo para a de sujeito desse mesmo discurso e enunciativa de seu próprio desejo e do desejo de outrem. Ou, como afirma Audre Lorde o erótico teria o poder de deslocar as mulheres do lugar alheio a si mesmas em que são colocadas em um mundo de dominação masculina, sempre “numa posição distante/ inferior para serem psicologicamente ordenadas” ([1984] 2013, p.1), controladas e colocadas a serviço das demandas afetivas dos homens.

Nesse sentido, própria atividade de escrita já seria, no caso da condição feminina, uma transgressão. Conforme afirma a escritora Marcia Denser em suas *DesEstórias*, escrever rasura “a separação tácita existente entre esfera pública e privada, transformando-se ela própria, a mulher que publica, em “mulher pública”, quer dizer, a prostituta, que é a mulher pública por excelência” (2015, p. 205). A desqualificação da moralidade feminina por meio da desqualificação da autonomia erótica é parte das mesmas estratégias de dominação já mencionadas. É por esse motivo que quando Audre Lorde fala do erótico, fala “como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas” (2013, p. 2).

Ao reunir projetos a um só tempo estéticos e políticos, a literatura erótica escrita por mulheres redimensiona a indissociabilidade entre forma e conteúdo, ao explorar interfaces limítrofes entre erotismo, pornografia e obscenidade. Indica também que o campo literário é sempre constituído de tensões várias, nas quais o erotismo, como sendo “a aprovação da vida até na morte”, para usar os dizeres de Georges Bataille em seu famoso ensaio *O erotismo* (2013, p. 35), apresenta-se como um dos fatores mais relevantes da experiência humana ao se materializar pelas vias da linguagem.

É com base nesses pressupostos sobre as potencialidades do erótico que agradecemos as contribuições de pesquisadores e

pesquisadoras para este Dossiê, que se inicia com o artigo de *Anna Carolina Deodato da Silva*, “O sacrifício da carne: uma leitura do conto “O corpo”, de Clarice Lispector”, que analisa como os motivos relacionados ao baixo corporal comparecem na relação erótica a três construída no conto e resulta em um tipo específico de erotismo pitoresco.

No texto “Erotismo e sexualidade como condição emancipatória na poesia de Gilka Machado”, *Cleusa Piovesan* analisa como a abordagem de temas eróticos fez da produção de Gilka Machado um mecanismo de ressignificação da condição feminina, tantas vezes restrita à vida doméstica. Já em “A sombra erótica no conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector: o sagrado *versus* o profano”, *Edinaldo Flauzino de Matos* analisa, nesse conto clariciano, o “efeito sombra” cujas forças manifestas advém de *Eros* e são contíguas às múltiplas facetas que envolvem traumas de infância da personagem Ruth Algrave.

Maria Letícia Macêdo Bezerra e *Ana Cláudia Felix Gualberto* exploram em “Colette entremundos corpóreos e subjetivos” os modos como a obra *A vagabunda* explora uma linguagem sinestésica imbricada na experiência corporal para compor os mundos subjetivos da ficção da autora estudada. Em “Erotismo nos contos da escritora Anaïs Nin”, *Nayra Bianca Costa Mendes* e *Algemira de Macedo Mendes* analisam o erotismo filosófico presente em *Delta de Vênus: histórias eróticas* como expressão da maior autonomia das mulheres.

O artigo de *Otavia Alves Cé* e *Joana Kretzer Brandenburg*, intitulado “De coadjuvantes a protagonistas: escrita e consumo de *fanfics* eróticas” explora como se dá a inserção de temáticas eróticas em *fanfics*, abordando especificamente um grupo de fãs escritoras-leitoras do mangá **Naruto**. Já em “O corpo fala em “Luamanda”, “Ana Davenga” e “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo”, *Paulo Antônio Vieira Júnior* e *Roselene Cardoso Araújo* se voltam para as questões da autoria negra, analisando a representação do corpo e do erotismo no sentido de sua descolonização e autonomia.

A autoria negra do erotismo é também analisada no texto “*Além dos Quartos: coletânea erótica feminista negra Louva Deusas: a construção do corpo negro por poetisas negras*”, de *Raissa Lauana Antunes da Silva*, no qual a autora aborda o corpo feminino negro na expressão poética, a partir da subjetividade da mulher preta e da coletividade social que a cerca. Por fim, o artigo “O ideário da pornografia libertina no conto “Conflitos de uma virgem”, de Ana Elisa

Ribeiro”, de *Rosana Letícia Pugina*, explora a linguagem libertina revisitada no conto analisado como mecanismo de crítica social, ironia e resistência ao discurso patriarcal.

A sessão de Artigos de temática livre, mas em interface como tema do Dossiê, traz a contribuição de *Luciane de Paula e Carolina Gomes Sant’Ana* por meio do artigo “A “verdadeira mulher”: bela, empoderada e do ler”, no qual as pesquisadoras, partindo dos estudos bakhtinianos sobre a linguagem, analisam duas capas e uma matéria da revista **O Diabo a Quatro**, de 1879, como resposta a movimentos de luta pela inclusão de mulheres na política, em cotejo com a matéria “Bela, recatada e ‘do lar’”, da revista **Veja**, de 2016. O estudo indica que, independentemente da época, o embate entre forças conservadoras e movimentos feministas se faz presente na arena da linguagem, sendo de extrema relevância estar sempre atentas a esse duelo de forças.

Com o repertório de artigos apresentados, acreditamos que o Dossiê cumpre seu propósito de visibilizar algumas das diversas possibilidades de representação do erotismo, do corpo, do desejo, das relações de gênero e das relações eróticas no contexto da poesia, da ficção narrativa e de outras modalidades de texto de autoria feminina.

As pesquisas, em seu conjunto, constelam uma das mais frequentes funções da literatura que, para além de ser um testemunho de seu tempo, constitui efetivamente um dos principais mecanismos de ruptura e transgressão, fazendo “girar os saberes”, como diria Roland Barthes (2004, p. 18). A literatura erótica, com seu caráter frequentemente desagregador, executa com maestria a função supracitada, aliando prazer e saber, saber e sabor, sendo especialmente resistência em um tempo em que vida precisa ser ininterruptamente resgatada da aniquilação. Boa leitura!

Luciana Borges (UFCAT)

Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

Universidade Federal de Catalão – UFCAT *em transição*

Dezembro de 2020

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução: Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DENSER, Márcia. **DesEstórias**. Curitiba: Kotter Editorial, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder (1984). Trad. de Tatiana Nascimento. **Blog Diáspora y dissidência sexual em trânsito**. 2013. Disponível em: <<https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/11/usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-audre-lorde/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 8ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.